

Jornalismo Literário na TV: os Textos do Marcelo Canellas na Série “Fome no Brasil”¹

Cristiane FINGER²

Renata Lages Alves EBERHARDT³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os recursos poéticos e a humanização na construção dos textos pelo jornalista Marcelo Canellas, na reportagem especial seriada “Fome no Brasil” para o Jornal Nacional da Rede Globo. Foram utilizadas as técnicas de observação exploratória e da entrevista não padronizada com o jornalista para o estudo. No referencial teórico estão entre outros: Pena (2006) e Bulhões (2007) para a análise do jornalismo literário. Barbeiro e Lima (2002), Ferrés (1998), Flosi (2012), Lage (2005) e Paternostro (2006) apoiam as discussões sobre as narrativas na TV. Assim, foi possível concluir que o texto do jornalista, quando possui características do jornalismo literário, pode ser mais relevante e impactante para informar e provocar a reflexão do telespectador.

Palavras-chave

Telejornalismo; Jornalismo Literário; Reportagem Especial; Marcelo Canellas; “Fome no Brasil”

INTRODUÇÃO

Normalmente, o público assiste à televisão esperando por uma impactante imagem na grande tela, onde o texto fica sempre em segundo plano porque, como diz o famoso dito popular, do filósofo chinês Confúcio, “uma imagem vale mais do que mil palavras”. Essa expressão, usada exaustivamente, é geralmente aplicada para destacar a importância da imagem na comunicação visual. O estudo pretende demonstrar justamente o contrário, o quanto a comunicação escrita do jornalista é relevante e ao mesmo tempo impactante, sem deixar de informar e às vezes tornando a imagem um coadjuvante da notícia. Um complemento à história narrada.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social – Famecos/PUCRS, e-mail: cristiane.finger@pucrs.br

³ Relações Públicas e estudante de graduação do 8º semestre do Curso de Jornalismo da FAMECOS-PUCRS, e-mail: renata.eberhardt@edu.pucrs.br

Nesse processo de humanização do discurso do repórter, especialmente nos textos do Canellas, para a série, a história não relata um fato inédito ou furo⁴ de reportagem. Ele retrata a realidade social de diversas pessoas, principalmente da região Norte e Nordeste do Brasil, de uma forma mais suave e emotiva sem ser piegas.

A série “Fome no Brasil”, além de, infelizmente, não ser um tema inédito, também foi muito premiada e ainda é revisitada por vários profissionais e estudantes da área de comunicação. Estudá-la permite diferentes olhares pelas lentes do jornalismo. Entre eles, a possibilidade que o repórter Marcelo Canellas tem de contar histórias humanas de uma forma literária, contribuindo para as reflexões sobre fazer um jornalismo de qualidade, valendo-se do trivial.

Textos televisivos e jornalismo literário

O texto falado na TV não permite que se retorne ao início para relê-lo até que se compreenda o que diz a notícia, como é possível fazer com o jornal impresso. Porém, na televisão a imagem está em constante movimento, acompanhando o texto falado, ajudando na compreensão do que se quer informar, ao contrário do impresso, onde a imagem é estática e permite a releitura.

Para Paternostro (2006, p.75) “se a televisão se impõe pela informação visual, ela prende a atenção do telespectador pela informação sonora. São as características próprias de sua natureza como meio de comunicação”.

A linguagem do cotidiano muda muito de região para região – são os regionalismos incorporados ao linguajar do povo brasileiro. [...] é muito importante levar em consideração o tamanho do país em que vivemos e os diferentes graus de entendimento que uma mesma mensagem pode ter. Nem sempre o que é claro para a população do sul do país, é claro para a população do nordeste. (PATERNOSTRO, 2006, p. 101).

Além dessa preocupação de conseguir comunicar de norte a sul do país, o texto não tem que descrever o que a imagem mostra, pelo contrário, ele precisa dizer aquilo que a imagem não consegue transmitir, de uma forma clara, simples, natural e impactante. “Tende-se a pensar que os telespectadores são influenciados fundamentalmente desde a

⁴ É o jargão para a informação publicada num veículo antes de todos os demais. O furo é dado quando uma equipe de repórteres e editores consegue apurar uma notícia, um fato ou um dado qualquer e publica esta informação sem que os veículos concorrentes tenham acesso a ela (N.A).

razão, quando na realidade são influenciados primordialmente desde as emoções” (FERRÉS, 1998, p. 13).

Portanto, o texto tem que passar informação e não legendar o que está sendo mostrado na TV. Para que texto e imagem funcionem juntos, é necessário que o repórter tenha conhecimento prévio das imagens captadas para depois redigir a reportagem. Caso não tenha todas as imagens necessárias para contar a narrativa, outras precisarão ser produzidas.

Paternostro (2006) destaca que para responder às questões do *lead*, o texto precisa ser bem escrito, com palavras precisas, sem ser redundante e que contenha informações fundamentais para contar o factual, sem esquecer da emoção.

Se as palavras – tanto no off quanto na passagem de um repórter ou mesmo em um lead ou em uma nota ao vivo – são desconhecidas, complexas, eruditas, ambíguas, fracas, confusas ou específicas, o telespectador as despreza e passa a se fixar na imagem. (PATERNOSTRO, 2006, p. 95).

Jornalismo Literário: recursos poéticos e humanização nos textos

O Jornalismo Literário proporciona a subjetividade, detalhamento da cena e gesto do personagem, esses pontos tornam a história mais interessante e entrega o que o jornalismo tradicional não aborda. Ele consiste no aprofundamento dos fatos para mostrar o que nem todos conseguem perceber, como por exemplo, as problemáticas de uma sociedade, de uma cultura ou de uma determinada região.

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13).

Essa imersão proporciona uma experiência diferenciada, mas não distorcida, sobre o fato. E o papel do jornalista é fazer com que o público permaneça interessado e conectado ao que ele quer veicular, através das informações e técnicas de que dispõe para que isso aconteça.

Na literatura a linguagem não é mera figurante, mas centro das atenções. Nesse sentido, se há algo para comunicar na literatura, esse algo só existe pelo poder conferido à conduta da própria linguagem. Não se trata exatamente de afirmar que não existe mundo algum fora da experiência de linguagem. Mas de supor que para a realização literária, tal mundo só importará se o verbal que o transmitir estiver, por assim dizer, transmutado, recriado, destituído de sua função cotidiana e costumeira (BULHÕES, 2007, p. 12).

No jornalismo literário é comum o uso de metáforas e de outros artifícios para elaborar um texto esteticamente mais bonito e interessante. “O jornalismo literário trabalha com artifícios literários porque tem o compromisso de desvendar as teias dos acontecimentos” (LIMA, 2014, p. 22). Esse tipo de texto facilita o aprendizado e melhora o conhecimento do leitor sobre algo que até então desconhecia.

A narrativa precisa ter um fio-condutor que faça essa ligação entre todas as partes: história, personagem e autor e que esteja estruturada de forma eficiente, intensa e atraente, de acordo com Lima (2014). O público busca uma narrativa, que faça sentido e com a qual se identifique.

Os falsos mitos da liberdade, da racionalidade, da consciência, da percepção objetiva impedem a tomada de consciência da complexidade da experiência de ser telespectador e, em consequência, do extraordinário poder socializador da televisão, do alcance real dos seus efeitos. (FERRÉS, 1998, p. 14 e 15).

Uma ferramenta muito usada é o símbolo do *status* de vida. São detalhamentos sobre os personagens, cenários, costumes, mobiliários, roupas e ambiente, que traduzirão o momento vivido. Outro símbolo recorrente é a metáfora. Com ela é possível representar uma determinada coisa por outra e essa aproximação se dá pela analogia, pelo que tem em comum, como diz Lima (2014). Além disso, no jornalismo literário encontramos também a qualidade técnica, no uso correto das palavras para que tenham uma sonoridade fluída, lírica e poética. A mistura de todas elas nos dá um texto informativo, interessante e agradável de ler e ouvir.

Neste tipo de narrativa, o autor não inventa nada. Ele se concentra nos fatos e na maneira literária de apresentá-los ao leitor. Trata-se do cruzamento da narrativa romanesca com a narrativa jornalística. O que significa manter o foco na realidade factual, apesar das estratégias ficcionais. (PENA, 2006, p. 102).

Por isso, a reportagem especial é tão presente no jornalismo literário. “A grande reportagem exige diagramação competente e deve conter atrativos como mistério, suspense, calor humano e outros elementos que só um texto criativo será capaz de explorar” (FLOSI, 2012, p. 11). E ainda, de acordo com Nascimento:

Qualquer que seja o recurso utilizado, buscar o próprio estilo de redação é um exercício primordial para uma escrita mais criativa e mais prazerosa, que vá além de padronizações e seja capaz de exprimir, em palavras e em arranjos inovadores, toda a riqueza da linguagem, aliada à identidade e à personalidade do falante. (2009, P. 107).

Para conquistar o leitor, a distribuição dos elementos na página tem grande importância, assim como o estilo do texto escrito pelo jornalista. E na televisão não é diferente. De acordo com FÉRRRES, (1998, p. 30), “as emoções condicionam as percepções”. O telespectador normalmente tem somente uma oportunidade para ver, ouvir e assimilar aquela informação. Portanto, levar o texto televisivo para a realidade cotidiana do espectador, torna o processo comunicacional mais simples e seguro. Ou seja, frases mais curtas podem ter um efeito impactante no público, facilitando a aproximação das duas pontas do fio-condutor da comunicação.

A humanização nos textos televisivos acontece quando o jornalista dá voz aos personagens, de forma com que se tornem conhecidos, assim como suas narrativas, através de uma escrita envolvente, instigante e ao mesmo tempo jornalística.

Para escrever um bom texto é preciso ser um bom leitor. A leitura aprimora o estilo. Para apurar bem os fatos, os requisitos são outros, como espírito observador, raciocínio lógico, percepção aguçada e até uma considerável dose de desconfiança e esperteza. (FLOSI, 2012, p. 50).

Percebe-se que a rotina de leitura está ligada diretamente à uma boa produção textual jornalística. Após apurar os fatos, o jornalista humaniza a história ao transformar números em personagens reais, acrescentando detalhes aos seus textos. No jornalismo literário é preciso encontrar um estilo próprio e na televisão deve ainda unir imagem, informação e emoção.

Cabe ao repórter saber o limite que a sua narrativa deve ter, agindo com ética e educação, sem esquecer da sensibilidade para captar as informações, da compreensão com os personagens e tolerância com suas dificuldades, tratando todos com respeito e educação. Como afirma Flosi (2012), o jornalista pode ser ousado, amável, agressivo, mas, respeitando os limites da lei e da ética. Então, se colocar no lugar do leitor, telespectador ou ouvinte, aproxima e humaniza o processo comunicacional.

Marcelo Canellas e a série “Fome no Brasil”

Na faculdade, o então estudante de jornalismo, Marcelo Canellas, leu “Geografia da Fome”, de Josué de Castro⁵. “Um livro escrito em 1946 e que me causou grande

⁵ Médico, nutrólogo, professor, geógrafo, cientista social, político, escritor e ativista brasileiro do combate à fome. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Josu%C3%A9_de_Castro

impacto e muita curiosidade de saber se as suas premissas ainda estavam presentes mais de 50 anos depois” (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Conhecer o mundo é se apropriar de um conjunto de conceitos que foram produzidos pela experiência humana através dos tempos. Esses conceitos são expressos pela linguagem. A apropriação das palavras, e de seus significados, denota justamente a apropriação do mundo concreto. Então, zelar pela integridade da linguagem, do significado das palavras, é zelar pelo conhecimento acumulado pela humanidade, que representa um patrimônio inestimável para todos nós. (CANELLAS, 2006).

Em 1998, ele começou a pesquisar e planejar a série de reportagens especiais sobre a “Fome no Brasil”. Em todas as suas viagens a trabalho, aproveitava a oportunidade para pesquisar informações sobre os casos de desnutrição, buscava conhecer o local e conversava com pessoas que pudessem fornecer subsídios para embasar seu projeto.

O jornalismo investigativo é geralmente definido como forma extremada de reportagem. Trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pelo qual o repórter, em geral, se apaixona. (LAGE, 2005, p.138).

Aos poucos foi montando um dossiê para ser apresentado futuramente à chefia da emissora. Somente em 2001, Canellas teve a liberação para começar a produzir a série e ela finalmente saiu do papel para as telas. Sônia Bridi⁶, colega de Canellas, afirma:

Ele tem peito para trazer esses temas fortes para o dia a dia. Tem uma habilidade incrível de pegar uma coisa que é óbvia, que sempre aconteceu, mas que ninguém tinha percebido que era uma notícia, justamente pelo fato de sempre ter estado ali e ninguém fazer nada para mudar. (SOUZA, 2015, p. 79).

Uma equipe formada por Canellas, pelo cinegrafista Lúcio Rodrigues⁷ entre outros, mapeou a fome ao viajar por seis estados brasileiros atrás de histórias e personagens. Aos poucos a série foi criando forma através dos depoimentos e lugares

⁶ Jornalista e escritora, ingressou na Globo na década de 1980 e foi correspondente da emissora em Londres (1995), New York (1996 a 1999), Pequim (2005 a 2006) e Paris (2008 a 2010). Em julho de 2008, lançou o livro *Laowai (estrangeiro) – histórias de uma repórter brasileira na China*. Também lançou em 2012 *Diário do Clima* publicado pela Globo Livros, relatando suas viagens pelo mundo em busca de respostas para as alterações climáticas bem como relatando os bastidores da série do Fantástico "Terra, que tempo é esse?". Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B4nia_Bridi Acessado em junho de 2022.

⁷ Repórter cinematográfico gaúcho, entrou para a Globo em 1987. Em 1996, ganhou o prêmio Vladimir Herzog com Caco Barcellos pela reportagem 'Riocentro – 15 Anos Depois'. Rodou o mundo pelo Fantástico e Globo Repórter e se tornou correspondente em New York em 2004. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/lucio-rodrigues/noticia/lucio-rodrigues.ghtml> Acesso em junho de 2022.

visitados. Rostos ganharam nomes e os lugares eram marcados no mapa a partir de cada história relatada. Criava-se ali, uma espécie de ligação, um elo entre as diferentes culturas de diferentes estados brasileiros, que é a fome.

O equilíbrio pode dizer respeito quer ao jornal, ou ao telejornal, no seu conjunto, quer a elementos específicos como a cobertura geográfica (procura-se ter notícias que cubram, dentro do possível, todo o território nacional), as classes etárias (notícias que possam interessar, tendencialmente, todas as camadas da população). (WOLF, 1995, p. 188).

A denúncia estava feita, como diz Flosi (2012), além de informar, o jornalista deve, através das oportunidades que surgirem, aproveitar para denunciar as injustiças sociais. Isso só é possível através de uma apuração aprofundada sobre o tema e os personagens envolvidos.

O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significados a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade para projetar a resignificação feita pelo leitor. (PENA, 2006, p. 55).

Marcelo sempre procurou conversar muito com as fontes e personagens para criar um ambiente acolhedor e confiável, no qual as pessoas se sentissem à vontade para confidenciar suas histórias, problemas, medos, expectativas e até a falta delas. Foram dois meses intensos de dedicação para finalização da reportagem especial seriada.

Não tenho ilusões sobre o papel de uma reportagem, ainda que no telejornal mais importante do país, na transformação de uma realidade injusta. Não podemos superestimar o jornalismo; ele não muda o mundo, apenas mostra o que deve ser mudado. Mas acredito firmemente na ação concreta de cidadãos organizados e conscientes de sua cidadania. Isso sim pode nos dar um país melhor. (CANELLAS, 2006).

Mesmo a série “Fome no Brasil” sendo reconhecida nacional e internacionalmente, com muitas premiações, as reportagens não foram suficientes para que a situação desesperadora melhorasse. De acordo com Ferrés (1998), as imagens televisivas não atingem apenas as emoções como orientam as condutas de uma sociedade. Porém, nem as medidas tomadas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, como as emergenciais, foram efetivas e, tampouco as mobilizações realizadas pelo país conseguiram estancar os casos de desnutrição da população brasileira, principalmente nas regiões mapeadas pelo jornalista: Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí, São Paulo e o Distrito Federal. Porém, a série serviu como ferramenta para articulação da

sociedade e como instrumento de treinamentos de agentes de saúde, de acordo com Marcelo Canellas (SOUZA, 2015).

De acordo com o Memórias Globo (2021), entre os diversos prêmios recebidos pela série “Fome no Brasil”, destacam-se o Ayrton Senna de Jornalismo, o Barbosa Lima Sobrinho, o Vladimir Herzog na categoria de documentário e a medalha ao mérito da Organização das Nações Unidas (ONU). E, Canellas foi o primeiro jornalista a receber o Prêmio Boerma de Jornalismo, concedido pela FAO⁸ (*Food and Agriculture Organization of the United Nations*), pela série de reportagens sobre a fome. Como diz Lage (2017), o jornalismo investigativo também serve para dar luz e destaque às misérias, injustiças, questões sociais, que foram ou ainda são problemas a serem resolvidos.

Dois anos após a série, Marcelo Canellas revisitou os locais retratados, dessa vez para uma reportagem para o Globo Repórter, mostrando que a situação pouco havia mudado até aquele momento.

Análise da abertura e fechamento dos textos da série “Fome no Brasil”

Os cinco episódios foram veiculados entre os dias 18 e 22 de junho de 2001, no Jornal Nacional na Rede Globo. Para a produção da reportagem especial seriada “Fome no Brasil” foi necessária uma pesquisa aprimorada e aprofundada sobre as regiões do país, assim como uma junção de documentos sobre o assunto. As informações apuradas ajudaram o jornalista a compreender a realidade de cada lugar, as pessoas, a forma de abordar o assunto e fazer com que os habitantes e futuros telespectadores entendessem o que estava sendo dito e mostrado.

No Brasil, a linguagem do cotidiano muda muito de região para região – são os regionalismos incorporados ao linguajar do povo brasileiro. É lógico que, na medida em que estamos em busca do entendimento para a nossa mensagem, é muito importante levar em consideração o tamanho do país em que vivemos e os diferentes graus de entendimento que uma mesma mensagem pode ter. (FLOSI, 2012, p. 101).

⁸ Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, sigla do inglês Food and Agriculture Organization) é uma agência das Nações Unidas, que lidera esforços para a erradicação da fome. Composta por 194 Estados-membros, mais a União Europeia (UE) e, com presença em mais de 130 países, a organização funciona como um fórum neutro, onde todas as nações que a compõe possuem peso igualitário no que tange às estratégias e decisões, pois proporciona a todos os seus integrantes oportunidades para elaborar e discutirem políticas ligadas à agricultura e alimentação. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_para_Alimenta%C3%A7%C3%A3o_e_Agricultura Acesso em junho de 2022.

Na entrevista desestruturada⁹, realizada no dia 09 de junho pela plataforma *Zoom*¹⁰, com o jornalista Marcelo Canellas discorreu sobre o jornalismo literário e o processo de construção das aberturas e fechamentos dos textos para a série “Fome no Brasil”.

Ao analisar os textos de abertura e fechamento dos episódios da série, elencou-se duas categorias para uma observação exploratória: “Recursos poéticos” e “Humanização nos textos televisivos”.

- Recursos poéticos: uso de figuras de linguagem para trazer ao texto fluidez ou para provocar no leitor/ouvinte/telespectador uma interpretação diferente do texto, de forma mais poética. A metáfora é a figura mais utilizada porque produz sentidos figurados por meio de comparações e por ser recurso expressivo. Outra figura de linguagem relevante é a hipérbole, que expressa algo de forma exagerada nos textos literários.

- Humanização nos textos: o jornalista dá voz aos personagens, de forma com que se tornem conhecidos, assim como suas narrativas, através de uma escrita envolvente e instigante.

O vídeo¹¹ desta análise contém os cinco episódios da série, em sequência, e está postado no *YouTube*¹². A primeira reportagem da série “Fome no Brasil”, exibida do dia 18 de junho, busca sensibilizar o telespectador ao mostrar a situação precária de pessoas que habitam Araçuari, cidade localizada ao norte de Minas Gerais, fazendo uma espécie de “costura” entre imagens, depoimentos, ruídos e silêncios. Esse recurso fica evidente no trecho compreendido entre o minuto 5’49” e 6’06”, fechamento do primeiro episódio, exibido no dia 18 de junho de 2001:

Desde o início dessa reportagem já se passaram 5 minutos e meio para contagem regressiva da fome, mais luto, mais uma perda. Nossa maior fortuna indo embora. Nosso óbvio tesouro esquecido em lugarejos e favelas. (som do sino tocando).

Na expressão “contagem regressiva da fome”, o jornalista utilizou a metáfora para envolver o telespectador e fazê-lo refletir sobre essa situação recorrente e desesperadora

⁹ É o tipo de entrevista que se distingue de uma conversa simples por ter como objetivo a coleta de dados, visando a obter uma visão geral do problema pesquisado. Disponível em: <https://treinamento24.com/library/lecture/read/262709-o-que-e-uma-entrevista-informal> Acesso em junho de 2022.

¹⁰ A plataforma Zoom permite chamadas de vídeos para diversos fins, desde reuniões familiares até reuniões com equipes. Disponível em: <https://www.remissaonline.com.br/blog/plataforma-zoom/#:~:text=A%20plataforma%20Zoom%20permite%20chamadas,fundamentais%20para%20pessoas%20e%20empresas> Acesso em junho de 2022.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ> Acesso em junho de 2022.

que é morrer de fome, num país tão rico em recursos. Assim como, na “nossa maior fortuna”, comparando as pessoas à fortuna, valorizando cada vida e em todos os cantos do país.

De acordo com o jornalista, quando perguntado se o texto foi fundamental para contar aquilo que era mostrado na série, ele respondeu:

Na série da fome um dos momentos mais fortes do primeiro episódio é o final quando toca aquele sino. Aquilo é um elemento narrativo. Olha a carga simbólica que tem aquilo lá e aí você diz: olha, se passaram cinco minutos e meio, quantas crianças morreram? Então, é a articulação dos elementos narrativos é que compõe o texto da televisão. Não é me sentar diante do computador e escrever. É articular a imagem, os depoimentos, os silêncios, os ruídos, a intervenção do repórter.

Esse tipo de linguagem narrativa aproxima o telespectador da realidade vivida pelas pessoas que sofrem com a fome, com uso de adjetivos e figuras de linguagem. O formato é repetido nas demais aberturas e fechamentos dos episódios da reportagem especial seriada. Canellas destaca que os textos não devem ser meras descrições das imagens. Eles precisam contar o que a imagem não mostra. Ele afirma que a interferência do repórter deve ser mínima e que os depoimentos têm prioridade.

Na abertura do primeiro episódio, entre o 1’02” e 1’20”, Marcelo inicia o texto de forma dramática:

Uma tragédia a conta gotas dispersa, silenciosa, escondida nos rincões e nas periferias. Tão escondida que o Brasil que come não enxerga o Brasil faminto. E aí a fome vira só número, estatística. Como se o número não trouxesse junto com ele dramas, histórias, nomes.

Nesse trecho, Canellas usa as figuras de linguagem metáfora ao falar “uma tragédia a conta gotas” e metonímia em “tão escondida que o Brasil que come não enxerga o Brasil faminto”, uma espécie de crônica para fazer a abertura da série. A crônica compõe o gênero opinativo, pois se utiliza de recursos poéticos e de linguagem para sua escrita.

O uso desses recursos e a humanização na escrita são percebidos na abertura, entre o minuto 10’15” e 10’38”, do terceiro capítulo exibido no dia 20, quando Canellas compara a situação da fome entre dois estados do país evidenciando a semelhança que os dois locais apresentam:

Onde circula o dinheiro, onde corre a penúria. O grito dos milhões, o pregão das migalhas. O estado mais rico e o estado mais pobre. Diferentes em tudo, São Paulo e Piauí podem ser mais iguais do que se pensa.

Fica evidente nesse trecho, a aproximação da poesia através das comparações metafóricas entre as cidades, enquanto utiliza imagens para descrever os locais que cita no texto. A escolha pelo uso de determinados adjetivos e substantivos como por exemplo, a palavra “penúria” que é utilizada para se referir à pobreza do sertão, assim como “migalhas” para se referir aos restos de comida, servem para ilustrar a situação precária da fome na relação entre esses dois estados do país.

Marcelo diz que o jornalismo pode utilizar todos os instrumentos da literatura, inclusive metáforas:

A gente pode usar metáforas. Eu acho que a grande baliza do uso da metáfora ou de qualquer figura de linguagem, assim, que te remeta à subjetividade, é que você pode ser subjetivo até o momento em que você não compromete a integridade da notícia. Essa é a baliza.

O fechamento do mesmo episódio, na minutagem de 12’58” a 13’08”, ele remete a sensações e percepções ao humanizar o texto dando nomes e rostos para os números da fome:

A paulista Marli e a piauiense Das Graças nem se conhecem. Em comum a extrema pobreza e uma força tirada do afeto, inesperada e surpreendente.

Para Canellas, o texto pode esgarçar o significado da imagem, principalmente quando se faz uma relação indireta. “Tu usas um texto prá fazer um reforço indireto daquela imagem. Então, eu acho que o texto serve prá isso, serve pra alargar o significado da imagem”.

A mesma situação é percebida na quarta reportagem da série, veiculada no dia 21, quando Canellas apresenta algumas soluções para o combate à fome dos brasileiros, fazendo com que a população se mobilizasse para ajudar. Para gerar esse envolvimento e comoção, na abertura, entre os minutos 13’29” e 13’51”, ele diz:

Uma constatação irrefutável, medida e checada. Uma premissa inquestionável, líquida e certa. Dois argumentos de uma disposição muito firme.

E no fechamento do mesmo episódio, aos 16’21” até 16’31”, também encontramos a utilização dos mesmos recursos de figuras de linguagem na escrita dele:

Gente pobre, mas de mesa cheia, de boca cheia, plena de dignidade com um único desejo que um dia há de se cumprir.

Essa escrita poética e humanizada, nesses fragmentos da abertura e fechamento, faz com que o telespectador reflita sobre o que está assistindo.

A via racional, regida pelo pensamento lógico, atua por argumentação. Vai de causa a efeito, ou de efeito a causa. A via emotiva, regida pelo pensamento associativo, obedece a outros parâmetros: não atua por argumentação, mas por transferência. Atua por simples contiguidade, por proximidade, por semelhança, por simultaneidade, por associação emotiva ou simbólica (FERRÉS, 1998, p. 59).

O segundo episódio, exibido no dia 19, aborda os problemas de saúde causados pela fome e a conseqüente desnutrição, principalmente das crianças atendidas nos hospitais das regiões mapeadas na série.

O repórter “contador de histórias”, como Marcelo Canellas gosta de ser chamado, conta o que precisa ser dito, de forma direta, sem esquecer da emoção. O fica evidente na abertura, entre os minutos 6’26” e 6’44”, quando ele menciona a questão da fome além do sofrimento físico:

Na terra do padroeiro informal do sertão, o lado mais perverso da fome. Mais do que a humilhação, mais ainda do que a dor provoca pela chamada doenças tradicionais, esse hospital psiquiátrico, único da região do Cariri, no sul do Ceará, é a prova de que a fome pode ir além do mero sofrimento físico.

Ao falar “lado mais perverso da fome”, “mais do que a humilhação”, “mais ainda do que a dor provocada”, são exemplos do uso da figura de linguagem hipérbole, ao trazer a palavra “mais” nas três menções.

E encerra esse mesmo episódio, de 9’48” a 10’02”, alertando sobre a necessidade de se alterar esse quadro desesperador da fome, ao destacar que o cuidado pode salvar as pessoas:

Equipes da universidade federal de Pernambuco tentam mudar o curso dessa história. Medindo, pesando, ensinando a amamentar. A recompensa é rápida, capaz de reanimar um velho médico em sua luta contra a fome.

O quinto e último episódio, exibido no dia 22 de junho, é uma compilação das reportagens seriadas, exibidas entre os dias 18 e 21 de junho de 2021, no Jornal Nacional. Na abertura, compreendida entre os minutos 16’47” e 17’10”, um texto emocionado traduz a mobilização da população brasileira em torno do tema:

No Vale do Jequitinhonha em Minas, crianças dividindo grãos, cidades abandonadas na Bahia, as doenças da escassez em Pernambuco, a população faminta no Piauí, o choro da fome em Salvador ou na periferia de São Paulo. A tragédia onipresente tocou o país. Centenas de telespectadores ligaram para ajudar.

O uso de metáforas, por Canellas, tanto na abertura acima, quanto no fechamento abaixo, na minutagem de 18'24" a 18'44", provoca comoção e reforça a necessidade de ajudar o próximo e de salvar vidas, através da doação de alimentos e de valores:

O Brasil tem centenas de entidades de combate à fome de todo tipo, desde programas de geração de renda até a adoção de famílias pobres através do pagamento de uma mesada. Uma rede invisível de solidariedade à espera de adesões. Mas porque será que as pessoas não têm o costume de ajudar quem mora perto de casa?

Marcelo Canellas desenvolve o papel de interlocutor humanista, enfatizando a vida dos mais esquecidos, através do uso de recursos poéticos, levando os telespectadores a uma reflexão. Isso só funciona se o repórter está realmente disposto a ouvir o que as pessoas têm a dizer. Na entrevista, ele diz que as pessoas falam coisas impressionantes quando o jornalista realmente age como escuta e não como provocação. É que ele gosta de ser surpreendido.

A forma poética e humanista como Canellas nos apresenta essa triste e desesperadora situação, nos remete ao *New Journalism*, onde a poesia e a escrita humanista, nos remetem à literatura, de acordo com Bulhões (2007), por serem aspectos do jornalismo literário.

Ninguém criou o jornalismo literário, que não seguia uma fórmula nem era um movimento com normas definidas. Ele surgiu espontaneamente e ao mesmo tempo em vários lugares, como São Paulo e Nova York, onde ficou conhecido por *new journalism* (novo jornalismo). Fazíamos literatura dentro do jornalismo, mas sem ficção (FLOSI, 2012, p. 10).

Na entrevista, Marcelo explica que:

O instrumento do jornalismo é a narrativa, é a língua. É a urdidura dos acontecimentos através da 'costura' que você faz. E isso se dá através de um aprendizado que é dado através da experiência concreta da gente e pelas leituras que você faz. É a influência que você 'bebe' dos grandes escritores prá compor um estilo. Eu bebi muito do Rubem Braga, do García Márquez, do Érico Veríssimo, do Assis.

Os autores citados por Canellas na entrevista e no livro escrito por Sidney de Souza (referenciado nessa pesquisa), definiram o jeito dele de escrever:

Eu gosto das minúcias, eu gosto das coisas laterais que as vezes me ajudam a contar aquilo que é fundamental, aquilo que é essencial. As vezes uma fuga lateral me permite jogar uma luz sobre aquilo que é essencial também. Isso é uma coisa que é emprestado da crônica.

Em relação ao uso de subjetividade nos textos, Canellas destaca que se ela não comprometer a notícia, pode ser um recurso narrativo importante:

Porque joga prá emoção e a emoção é importante para a compreensão de um fato. Você não pode retirar a emoção de algo que seja profundamente humano por exemplo. E aí o recurso das figuras de linguagem emprestados da literatura são legítimos para o jornalismo.

Ao ser perguntado na entrevista sobre a importância do texto para contar a história dessas pessoas, juntamente com as imagens, ele destacou: “Você tinha uma realidade absolutamente contundente, você tinha depoimentos muito fortes, você tinha imagens muito fortes e o texto tinha que servir prá costura. Você tinha que ser certo”, diz como se atirasse um dardo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a elaboração do presente artigo “Jornalismo Literário na TV: os textos televisivos do repórter Marcelo Canellas na série Fome no Brasil”, exibidos no JN, os problemas pesquisados ensejam algumas considerações.

Uma imagem pode até contar uma história, mas se estiver acompanhada de um texto bem construído, envolvente, persuasivo e impactante, o resultado será muito maior.

É possível observar, a partir da categoria “Recursos poéticos”, a presença do jornalismo literário nos textos de Marcelo Canellas, através do uso frequente de figuras da linguagem como um dos recursos poéticos nas aberturas e fechamentos dos textos nos episódios da série. O importante é que estas figuras não alterem a realidade e não dificultem a compreensão do que está sendo dito.

Na categoria “Humanização nos textos”, foi possível identificar nas aberturas e fechamentos dos textos televisivos da série, a escolha e o emprego correto das palavras para contar o que precisa ser dito, de forma acolhedora, sensível e poética.

Ficou evidente o quanto a construção das narrativas pode impactar e simplificar assuntos complexos, tornando-os compreensíveis por qualquer pessoa, de qualquer região do país.

A reportagem especial permite um aprofundamento maior sobre o assunto abordado, fazendo com que o telespectador entenda e reflita sobre um tema tão urgente e necessário de discussão e, sensível aos governantes.

Portanto, deixa registrado a importância de se ter um texto bem escrito, articulado e interessante no jornalismo. O que faz de Marcelo Canellas um dos jornalistas mais premiados nacional e internacionalmente e, um grande contador de histórias da atualidade. Pois, a facilidade que ele tem de usar recursos poéticos e humanistas em seus

trabalhos, faz dele um grande cronista além de jornalista literário, apesar de não gostar de rotulações. Fica claro, em cada linha, cada palavra, cada recurso, a preocupação em dar voz e vez a um povo cansado de ter fome e tornar visível assuntos por ora esquecidos pelos governantes e por nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

CANELLAS, Marcelo. Mídia, sociedade e direitos humanos. **Portal dhnet**. Disponível em: http://dhnet.org.br/educar/1congresso/009_congresso_marcelo_canellas.pdf. Acesso em: 03 abr. de 2022.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar**: socializando através de comunicações despercebidas. Porto Alegre: Editora ArtMed, 1998.

FLOSI, Edson. **Por trás da notícia**: o processo de criação das grandes reportagens. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2005

LAPUENTE, Patrícia. Marcelo Canellas: fruto da melhor profissão do mundo. **coletiva.net**, 2021. Disponível em: <https://coletiva.net/perfil/marcelo-canellas-fruto-da-melhor-profissao-do-mundo,400038.jhtml>. Acesso em: 03 abr. de 2022.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

NASCIMENTO, Patricia Ceolin do. **Técnicas de redação em jornalismo**: o texto da notícia. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SOUZA, Sidney Barbalho de. **Marcelo Canellas**: por um jornalismo humanista. São Paulo: Editora In House, 2016.

